



EDITORIAL

EDITORIAL

FERREIRA, Simone Villas¹



¹ Professora (Orientadora) de Filosofia do IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho; Mestra em Filosofia (UFRJ); graduação em Filosofia (UFJF). E-mail: simone.ferreira@muz.ifsuldeminas.edu.br CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4289873839436295>.



Caros Leitores,

“Absurdo é aquilo que não tem objetivo.
Divorciado de suas raízes religiosas,
metafísicas e transcendentais,
o homem está perdido;
todas as suas ações
se tornam sem sentido,
absurdas, inúteis”
(IONESCO, Eugène. 1908 – 1994)

Inseridos no ano 2020, experimentando na vivência diária tudo o que este ano *sui generis* nos ofereceu como escrever o Editorial, da Revista Filosofia Capital, sem cair nas armadilhas de clichês? Há três dias, este pensamento me consome. Porém hoje, com o *note* no colo, a chuva de verão à brasileira lá fora, e o documentário da *National Geographic* sobre “Rússia Selvagem” à minha frente (é sempre bom, em dias de calor, assistir aos documentários sobre a vida selvagem no rigoroso inverno siberiano... é um alento), o nome Ionesco me veio como um sussurro ao meu ouvido.

Sim, claro! Ionesco! Por que ousei me esquecer dele algum dia da minha vida? Lá vem o clichê: sim, a primeira peça de teatro que assisti deste dramaturgo franco-romeno foi “O Rinoceronte”. Sim, fiquei ruminando o que havia assistido por meses. Nunca tive tanta vontade de relembrar (e contá-la a todos que encontrava) para dar gargalhadas e, ao mesmo tempo, nunca tive tanta vontade de morrer. O ano foi 2000, não o esqueço por dois motivos: foi neste ano que vivi a minha primeira experiência existencial do *absurdo* e também porque eu estava aguardando ansiosamente o final dos tempos (o famoso “bug do milênio”), mas decepcionei-me.

Digo ‘primeira experiência existencial do absurdo’, porque viriam outras, em apenas 20 anos: assistir, pela TV da padaria perto de casa, o ‘11 de setembro de 2001’ (e voltar pra casa tendo esquecido do que iria comprar na padaria); ter a certeza da inutilidade do ‘telefone móvel’ (era assim como eu chamava o celular, oops!, o *smartphone*),

porque já existia o eficiente telefone sem fio; acabaram com Bagdá, com Belo Monte, com a Síria, com o MSN, com o *Orkut*, com o retroprojeter e com a revelação de fotos; Sadam, Bin Laden, Fidel, Pinochet e Michael Jackson todos mortos; criaram o *Facebook*, o Bolsa-Família, a fotografia digital, o Big Brother Brasil, o *like* e os *views*, o WhatsApp e “emergente” como nome de classe econômico-social; teve presidente negro nos EUA, presidente operário no Brasil, presidente professora no Chile e primeira-ministra na Alemanha; teve renúncia de Papa, de Imperador japonês e fuga de Rei ladrão espanhol; a Rainha, a esperança e o nazifascismo nunca morrem; teve tsunami, barragens (co)rompidas de horror em Minas Gerais, acidente nuclear em Fukushima e a desimportância do petróleo; terrorismo e fundamentalismo religioso perduram, bem como o racismo, o xenô-homo+fobismo, o massacre aos indígenas, às mulheres e aos miseráveis; teve (ou tem, ainda) o ebola, a vaca louca, o H1N1, a meningite, a Dengue-Zica-Chicungunha e, finalmente, o Covid-19.

Não sei se consegui ilustrar bem neste brevíssimo resumo, mas há um lastro lógico e absurdo para a existência de uma pandemia. Não é surpresa, nem 2020 é ‘o pior dos anos’.

Não compreendeu?! Voltemos a Ionesco com um pouco sobre “O Rinoceronte”: a peça se passa numa cidade pacata, que poderia ser qualquer lugar do planeta, onde nada de extraordinário acontece, e é transformada completamente pela passagem de um rinoceronte. Sem entenderem a procedência do paquiderme, as pessoas começam a entrar em conflito, enquanto a fera se prolifera incontrolável e misteriosamente. Aos poucos, começam a se dar conta de que são os próprios vizinhos, colegas e familiares que estão se transformando em rinocerontes, como uma epidemia. Todos são afetados, um a um. São cooptados a se tornarem feras, seja por violência, contágio, sedução, ou simples desistência. Apenas um homem irá resistir.

“O Rinoceronte” apresenta o horror



atemporal do que Ionesco chamou de histeria coletiva. Escrita em 1959, na França, a peça é tida como uma parábola à invasão do fascismo na Europa (explica-se a sua ascensão em escala mundial, incluindo o Brasil) e ao pensamento de massa que seguiu assombrando a sociedade, ainda no período pós-guerra. No entanto, a sensação de angústia metafísica pelo absurdo da condição humana continua presente (“Absurdo é aquilo que não tem objetivo.”, como ensina Ionesco), como se vivêssemos um eterno pós-guerra, ou uma guerra sem fim (de armas, de remédios, de vírus e bactérias, de alimento, de imagens, de palavras, de posse da terra...). A pandemia é apenas um dos absurdos que vivemos, e virão outros.

Porém, observe que no “O Rinoceronte”, há um homem que resiste, que não se transforma nesse imenso paquiderme. A resistência é teimosa, ela sobrevive. A resistência tem vários nomes: gentileza, cuidado, solidariedade, educação, justiça, cidadania, moradia, saúde, humor, música, teatro (Arte!), segurança, fraternidade, verdade, filosofia, etc. A resistência é um gerúndio, é uma ação que continua, que faz ‘fazer sentido’ onde não há. A resistência é paralela à invasão de rinocerontes, de ignorâncias, de doenças, de virulências.

O texto de Eugène Ionesco é como eu e você, como nosso parente ancestral e nossa décima geração que virá após nós dois: aberto para novas e surpreendentes interpretações, tão atual e absurdo como notícia de jornal. Importante mesmo é saber que há formigas lava-pés na Sibéria e que estas são um dos predadores mais agressivos no cenário do inverno siberiano. O resto é clichê, porque depende de nós, de todos nós.

Saímos um pouco do costumeiro modo de formatação das edições da Revista Filosofia Capital. Neste vol. 15, Edição 22, Ano 2020, para além das sessões do editorial, artigos e resenhas, separamos a sessão dos artigos em duas áreas: filosofia e educação.

Assim, abrimos a sessão filosofia com os artigos: **A apropriação capitalista da mais-valia**, que fala sobre os fundamentos

necessários para a compreensão do *modus operandi* do mecanismo de produção de riqueza do sistema capitalista, a mais-valia é, talvez, a mais importante de todas as categorias elaboradas por Karl Marx.

No artigo **Bacon e a fundação do empirismo moderno** defende a união entre a razão e a experiência como a possibilidade de instauração do desenvolvimento científico. Em seguida fala-se sobre a **Ética, responsabilidade social e precaução** como princípios básicos da preservação ambiental, analisando o nascimento e o desenvolvimento da ciência experimental, a influência da Revolução Industrial: a potencialização da ciência experimental, a era Pós-Industrial e a mudança no estatuto do saber, o Princípio da Responsabilidade e Heurística do Temor e a legislação ambiental brasileira.

No que se refere à razão, mudando o rumo dos acontecimentos a partir da teorização crítica para além da razão instrumental, o artigo **Jürgen Habermas e as influências recebidas e dissidências** defende-se a ideia do projeto inacabado onde se detecta um potencial contrafactual e redentor no modernismo, que se considera digno de ser articulado e perseguido.

No artigo **o transumanismo e a proposta de superar o homem** apresenta a superação do homem a partir da ideia de aprimoramento humano promovido pelo transhumanismo, entendendo que o homem não é o estágio final da evolução humana, devendo ser superado a partir de aparatos tecnológicos que contribuirão para o aumento das suas capacidades – ingressando numa existência na qual todas as características do corpo estarão aprimoradas.

Esta existência também se reflete nas **Relações entre terror, horror e a apreciação estética em EAP o caso de “o retrato oval”** que analisa os elementos estéticos terror e horror presentes na narrativa do conto “O Retrato Oval” de Edgar Allan Poe. Este texto encerra a sessão de filosofia, mas deixa abertas as reflexões filosóficas que serão acentuadas na sessão



educação a seguir:

O **Ensino de filosofia no ensino fundamental** evidencia as estratégias do ensino de filosofia no ensino fundamental de uma escola da rede particular de ensino na cidade de Picos-PI para superar as demandas educacionais provocadas pela pandemia do Novo Corona-Vírus (Covid-19).

No artigo **Formação de leitores na Educação Infantil** analisa as metodologias necessárias para a formação de leitores sob as perspectivas de docentes que atuam na educação infantil, bem com as estratégias utilizadas pelo professor da educação infantil para a formação de leitores.

Quanto ao texto **Influência da mídia televisiva no comportamento infantil no âmbito educacional**, analisa historicamente a função das mídias televisivas (tecnológica) em nossa sociedade, juntamente aos efeitos causados pelo acesso prematuro e o papel do educador diante do crescimento desse cenário, que tem ocasionado tantas polêmicas nos dias atuais.

Outra discussão importante se encontra no artigo **O aluno da EJA interessado: possibilidades da pedagogia histórico-crítica na educação para jovens e adultos** que traz a aplicabilidade conceitual da Pedagogia Histórico-Crítica no ensino voltado para a Educação de Jovens e Adultos.

Para finalizar os artigos, segue-se analisando as **Perspectivas da educação inclusiva na formação de professores na Educação Superior** onde se aborda conceito, história e legislação da educação inclusiva na formação de professores.

Quanto às duas resenhas desta edição: a primeira fala sobre **A experiência estética em o sentimento da beleza** da obra de George Santayana intitulada O sentimento de beleza. E a segunda: **Ainda que tudo!**, de Boaventura de Sousa Santos, da Obra Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade, capítulo 7.

Experiência estética, o papel do empirismo, a formação de leitores infantis, a inclusão em debate, a apropriação capitalista

da *mais-valia*, a responsabilidade social e a superação da condição humana: tudo versa, nesta edição intitulada **Filosofia e Educação: um diálogo para além de um novo normal**. Um diálogo sobre o transumano, a perspectiva constante de superar-nos. Em síntese, é uma Edição dedicada à resistência, às subversões poéticas aos dispositivos críticos.

Boa leitura e bem-vindo 2021!

Simone Villas Ferreira



Dear Readers,

“Absurd is what has no purpose.
Divorced from his religious roots,
metaphysical and transcendental,
the man is lost;
all your actions
become meaningless,
absurd, useless”
(IONESCO, Eugène. 1908 - 1994)

Inserted in the year 2020, experiencing in their daily experience everything that this sui generis year has offered us, how to write the Editorial, from Filosofia Capital Magazine, without falling into the traps of clichés? This thought has been consuming me for three days. But today, with the note on my lap, the Brazilian summer rain outside, and the National Geographic documentary about “Wild Russia” in front of me (it is always good, on hot days, to watch the documentaries about wildlife in the harsh Siberian winter ... it's a breath), the name Ionesco came to me as a whisper in my ear.

Yes of course! Ionesco! Why did I dare forget about him sometime in my life? Here comes the cliché: yes, the first play I saw from this Franco-Romanian playwright was “The Rhino”. Yes, I was ruminating on what I had watched for months. I never wanted to remember (and tell it to everyone I met) to laugh out loud, and at the same time, I never wanted to die. The year was 2000, I do not forget it for two reasons: it was this year that I lived my first existential experience of the absurd and also because I was anxiously awaiting the end of time (the famous “millennium bug”), but I was disappointed.

I say 'first existential experience of the absurd', because others would come, in just 20 years: watching, on the bakery TV close to home, the 'September 11, 2001' (and returning home having forgotten what I would buy at the bakery) ; be sure of the uselessness of the 'mobile phone' (that's how I called the cell phone, oops !, the

smartphone), because there was already an efficient cordless phone; they ended up with Baghdad, with Belo Monte, with Syria, with MSN, with Orkut, with the overhead projector and with the development of photos; Saddam, Bin Laden, Fidel, Pinochet and Michael Jackson all killed; they created Facebook, family scholarship, digital photography, Big Brother Brazil, like and views, WhatsApp and “emerging” as an economic-social class name; he had a black president in the USA, a workers' president in Brazil, a professor president in Chile and a prime minister in Germany; had resignation of Pope, of Japanese Emperor and flight of Spanish thief King; the Queen, hope and Nazifascism never die; it had a tsunami, horror dams in Minas Gerais, a nuclear accident in Fukushima and the unimportance of oil; terrorism and religious fundamentalism persist, as well as racism, xeno-homo+phobism, the massacre of indigenous people, women and the miserable; there was (or still has) ebola, the mad cow, H1N1, meningitis, Dengue-Zica-Chicungúia and, finally, Covid-19.

I don't know if I was able to illustrate well in this brief summary, but there is a logical and absurd ballast to the existence of a pandemic. It is not surprising, nor is 2020 the ‘worst of years’.

Don't you understand?! Let's go back to Ionesco with a little about “The Rhino”: the play takes place in a quiet city, which could be anywhere on the planet, where nothing extraordinary happens, and is completely transformed by the passing of a rhino. Without understanding the origin of the pachyderm, people start to conflict, while the beast proliferates uncontrollably and mysteriously. Gradually, they begin to realize that it is their neighbors, colleagues and family members who are turning into rhinos, like an epidemic. Everyone is affected, one by one. They are co-opted to become beasts, whether through violence, contagion, seduction, or simple withdrawal. Only one man will resist.

"The Rhino" presents the timeless



horror of what Ionesco called collective hysteria. Written in 1959, in France, the play is seen as a parable to the invasion of fascism in Europe (explained its rise on a worldwide scale, including Brazil) and to the mass thought that continued to haunt society, even in the post-war. However, the feeling of metaphysical anguish for the absurdity of the human condition remains present (“Absurd is what has no purpose.”, As Ionesco teaches), as if we were living an eternal post-war, or an endless war (of arms, medicines, viruses and bacteria, food, images, words, land ownership ...). The pandemic is just one of the absurdities we are experiencing, and others will come.

However, note that in “The Rhino”, there is a man who resists, who does not become this immense pachyderm. Resistance is stubborn, it survives. The resistance has several names: kindness, care, solidarity, education, justice, citizenship, housing, health, humor, music, theater (Art!), Security, fraternity, truth, philosophy, etc. Resistance is a *gerund*, it is an action that continues, that makes ‘make sense’ where there isn’t. Resistance is parallel to the invasion of rhinos, ignorance, disease, virulence.

Eugène Ionesco's text is like you and me, like our ancestral relative and our tenth generation that will come after the two of us: open to new and surprising interpretations, as current and absurd as newspaper news. What is really important is to know that there are foot-washing ants in Siberia and that this is a more aggressive predator in the Siberian winter scene. The rest is cliché, because it depends on us, on all of us.

We left the usual way of formatting the editions of Revista Filosofia Capital. In this vol. 15, Edition 22, Year 2020, in addition to the editorial sessions, articles and reviews, we separate the section from articles into two areas: philosophy and education.

Thus, we open the philosophy section with the articles: **The capitalist appropriation of surplus value**, which talks about the fundamentals necessary to

understand the *modus operandi* of the capitalist system's wealth production mechanism, surplus value is, perhaps, the most important of all the categories elaborated by Karl Marx.

In the article **Bacon and the foundation of modern empiricism**, he defends the union between reason and experience as the possibility of establishing scientific development. Then we talk about **Ethics, social responsibility and precaution** as basic principles of environmental preservation, analyzing the birth and development of experimental science, the influence of the Industrial Revolution: the enhancement of experimental science, the Post-Industrial era and change in the statute of knowledge, the Principle of Responsibility and Heuristics of Fear and the Brazilian environmental legislation.

With regard to reason, changing the course of events from critical theorization beyond instrumental reason, the article **Jürgen Habermas and the influences received and dissidences** defends the idea of the unfinished project where a counterfactual and redeeming potential is detected in modernism, which considers itself worthy of being articulated and pursued.

In the article, **transhumanism and the proposal to overcome man** presents the overcoming of man from the idea of human improvement promoted by transhumanism, understanding that man is not the final stage of human evolution, and must be overcome through technological devices that will contribute to increase their capacities - entering into an existence in which all the characteristics of the body will be improved.

This existence is also reflected in the **Relationship between terror, horror and aesthetic appreciation in EAP, the case of “the oval portrait”** that analyzes the aesthetic elements terror and horror present in the narrative of the short story “The Oval Portrait” by Edgar Allan Poe. This text closes the philosophy session, but leaves open the philosophical reflections that will be emphasized in the following education



session:

Philosophy teaching in elementary school highlights the teaching strategies of philosophy in elementary school at a private school in the city of Picos-PI to overcome the educational demands caused by the pandemic of the New Corona-Virus (Covid-19).

In the article **Training of readers in Early Childhood Education**, it analyses the methodologies necessary for the training of readers from the perspective of teachers who work in early childhood education, as well as the strategies used by early childhood education teachers to train readers.

As for the text **Influence of television media on children's behavior in the educational field**, it historically analyses the role of television (technological) media in our society, together with the effects caused by premature access and the role of the educator in the face of the growth of this scenario, which has caused so many controversies nowadays.

Another important discussion can be found in the article **The interested EJA student: possibilities of historical-critical pedagogy in education for young people and adults**, which brings the conceptual applicability of Historical-Critical Pedagogy in teaching aimed at Youth and Adult Education.

To conclude the articles, we continue to analyze the **Perspectives of inclusive education in teacher education in Higher Education**, where the concept, history and legislation of inclusive education in teacher education are addressed.

As for the two reviews of this edition: the first one talks about **The aesthetic experience in the feeling of beauty** of George Santayana's work entitled *The feeling of beauty*. And the second: **Although everything!**, from Boaventura de Sousa Santos, from *Obra Pela Alice*'s hand: the social and the political in postmodernity, chapter 7.

Aesthetic experience, the role of empiricism, the training of children's readers, inclusion in debate, the capitalist

appropriation of surplus value, social responsibility and the overcoming of the human condition: everything is related, in this edition entitled **Philosophy and Education: a dialogue beyond a new normal**. A dialogue about the transhuman, the constant perspective of overcoming us. In summary, it is an Edition dedicated to resistance, to poetic subversions to critical devices.

Happy reading and welcome 2021!

Simone Villas Ferreira